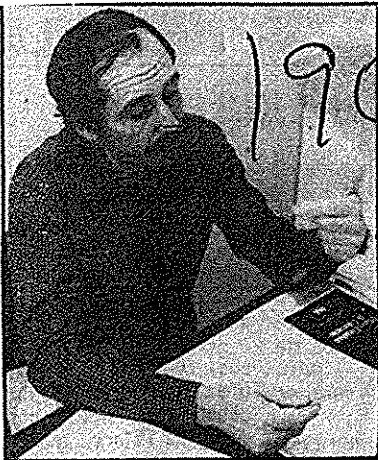




Silvio Coelho: descaracterização cultural violenta.

quem está errado é o Governo que provocou esta situação ao longo dos últimos dez anos. Cabe uma solução imediata, que preserve a reserva e o índio. (Moacir Loth).

Ibirama: "O índio está certo porque ele tem estômago como qualquer outro cristão"

FLORIANÓPOLIS (Sucursal) - O desrespeito com os direitos do cidadão humano, a imprevidência e o desdém com os custos sociais por parte do Governo construíram o quadro extremamente crítico vivenciado na reserva indígena do município de Ibirama, hoje, os índios enxergam apenas uma saída para a sobrevivência: emancipação. Cabe ao Governo, através da Funai, solucionar imediatamente o grave problema que ele mesmo criou.

Um grupo de antropólogos, já em 1978, quando surgiu o projeto da emancipação, advertia que os índios não tem ape nas o direito de serem como nós, mas de serem eles próprios. Hoje, no auge do filme, da guerra prática e psicológica em cima dos nossos habitantes primelros, o antropólogo Silvio Coelho dos Santos, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) afirma que a população indígena de Ibirama deve ser entendida como uma população que está, nos últi-

mos dez anos, sofrendo um violento processo de descaracterização sócio-cultural e de violação de todos seus direitos e prerrogativas.

Isto, deixou bem claro, por negligência das agências de Governo, que são responsáveis (?) por sua tutela e pela proteção (?) de seu patrimônio físico e natural. Completando: "acrescente-se a tudo isso, a construção da barragem pelo DNOS, com todas as suas consequências negativas para os índios, e temos o quadro em que se desenvolve as tensões que hoje chegam ao auge".

Cabe aqui definir o que foi cometido em Ibirama: genocídio. A Resolução 90, da organização das Nações Unidas (ONU) dá respaldo para tal afirmativa: "submeter tencionalmente um grupo a condições existenciais que forçosamente acarretam a sua destruição total ou parcial é genocídio".

A professora Anelise Nache, que está fazendo pesquisas em reservas indíge-

nas, denunciou "o pouco caso que o Governo está fazendo em relação ao custo social na sua desabalada escala desenvolvimentista". Em outras palavras, "ele passa por cima das pessoas. Isso fica bem claro nas obras faraônicas e barragens que não só expulsam índios, mas atraindo à miséria, milhares de colonos". Referindo-se ao problema de Ibirama, não teve dúvida: "tudo foi provocado pelo Governo, que disseminou a angústia, o medo entre a população indígena. Essa ameaça permanente acabou consolidando a convicção de que a emancipação é a única saída para eles, os índios".

Silvio Coelho dos Santos explicou que, em Ibirama, existem hoje, pelo menos, três grupos de índios vivendo separadamente e se degladiando entre si e, ao mesmo tempo, lutando por seus interesses de forma isolada.

E o que é mais sério: toda a população indígena está sem as mínimas condições para garantir a sua sobrevivência. Por exemplo, não existem roças na área indígena que permitissem alimentar a população e, também, não há empregos.

O que fazer? Resta explorar a floresta, o que, em síntese, vem, num passo adiante, condenar a sua continuidade como tribo. Em outras palavras, o índio pressionado pela sociedade dominante (os donos de madeiras que o digam), aos poucos se submete a todo um processo de descaracterização cultural, transformando-se, finalmente, num indivíduo, dentro de um processo de desorganização social e psíquica, que chama por aí de malandro, bêbado, bugre, indolente e incapaz.

Mas continuemos sobre a exploração da floresta. Segundo o antropólogo Silvio Coelho, esta alternativa vem sendo incrementada, de forma desenfreada, em função dos interesses das indústrias de madeira da região que há mais de dez anos vem contribuindo para a depopulação da área.

Então, num raciocínio simplório, é preciso entender de uma vez por todas que os índios também têm estômago como qualquer outro cristão; que possuem filhos para alimentar; que tem necessidades a suprir. Logo, homens da Funai, quer evitar que os índios usem inadequadamente o potencial de florestas que está em suas mãos implica em seriamente equacionar a questão; implica em considerar as opiniões de diversos especialistas; implica em termos seriedade de propósitos; e implica em termos capacidade para agir.

De acordo com Silvio Coelho, se o governo tiver capacidade para responder afirmativamente a todos esses itens será possível encontrar uma solução razoável para a população indígena de

Ibirama. Caso contrário, adverte, o problema só irá se agravar.

Não há um problema indígena em Ibirama, diz o antropólogo, o que há é um problema de decisão do Governo para, efetivamente, fazer justiça para uma população que, até aqui, só tem sido

explorada. Ademais, o grupo que está exigindo o fim da tutela somente assim procede porque essa é a única forma que vê para comercializar a madeira existente na área e por esse meio conseguirem esses recursos para atender às suas necessidades básicas.

Estrutura inadequada das terras provoca pressão sobre reservas

A violação das reservas indígenas é uma constante no Brasil, contudo a situação é mais grave no Sul, onde a inadequada estrutura de terras é que determina a enorme pressão sobre as reservas. Opõem-se, dessa forma, interesses de uma mesma categoria de oprimidos: o índio e o camponês sem terras.

A agressividade com que nos últimos anos se tem penetrado em territórios indígenas virgens tem colocado os grupos da região Sul sob imediata ameaça de extinção. Muitos dos povos indígenas estão condenados pela invasão de seus territórios por parte da sociedade nacional. "E as razões de tal expansão quase sempre são acobertadas pelas ideologias de progresso e desenvolvimento, mas, na prática, se concretizam com a implantação de mais um projeto agropecuário".

A grande verdade é que se as terras dos indígenas não são preservadas e colocadas à sua inteira disposição, ocorre um fato de rotina hoje em dia: o índio pressionado pela sociedade dominante, aos poucos vai se submetendo a todo um processo de descaracterização cultural.

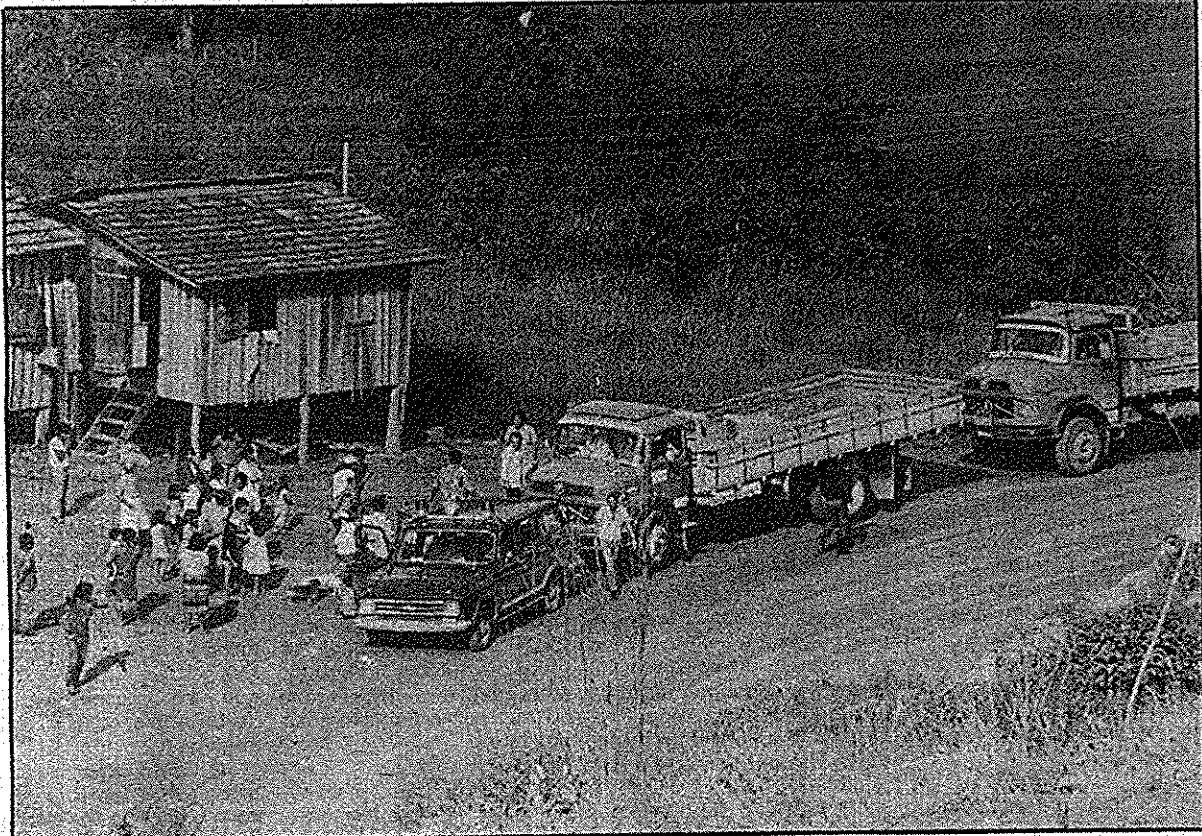
Hoje, no Sul, ainda subsistem remanescentes dos novos Kaingang, Xokleng (Ibirama), Guarani e Xetá. Ao todo, somam um pouco mais de sete mil indivíduos. Agora, levando em conta a existência de índios distribuídos, o contingente deve chegar a mais de dez mil. Apesar de considerados como integrados à sociedade nacional, "essa gente vive ilhada em meio aos integrantes da sociedade a quem servem como reserva de mão-de-obra".

O quadro é melancólico: não é comum o índio bóia-fria (trabalha como assalariado por jornada diária ou semanal

para granjeiros ou fazendeiros da periferia das reservas). E não raramente trabalha, paradoxalmente, para brancos que são "intrusos" das áreas indígenas.

Essa tragédia é vivenciada por cerca de 200 mil indivíduos em todo o País. Tragédia que aos poucos vai se transformando, pelas imposições governamentais, em etnocídio. Ou melhor: o índio, aos poucos, sem saber, está sendo transformado em não-índio.

Fácil entender: tudo está ligado às propriedades dos índios. O certo é que Ibirama bem demonstra isso -, os índios estão cansados de tanta servidão a que se acham reduzidos, pela incapacidade da Fundação Nacional do Índio (Funai) em aplicar a lei e pela montagem ostensiva de um aparelho burocrático para explorar o patrimônio que a eles pertence legitimamente.



Reserva de Ibirama: dez anos de ameaças sobre os índios

Funai: a incompetência multiplicando injustiças

A Funai vem mostrando a sua incompetência no dia-a-dia, ao longo de toda a sua história. A sua "competência" somente pode ser reconhecida por madeireiros, capitalistas e governantes anti-povo. Cabe portanto à Funai, como tutora dos índios, críticas extremamente severas.

Mas, como não adianta só criticar, um grupo de antropólogos diz o que é necessário para o exercício de uma tutela bem sucedida:

- 1º — Dar prioridade absoluta à questão de terras indígenas, assegurando a sua inalienabilidade e usufruto coletivo;
- 2º — Reconhecer o direito dos grupos indígenas de se organizarem para auto-gerir sua existência, assegurando-lhes condições para manterem sua identidade étnica e culturas tradicionais e relacionamento simétrico com a sociedade nacional;
- 3º — Efetivar esta autonomia supõe o reconhecimento, por parte do Estado, de uma nação pluralista.

QUESTÃO DE DIREITO

Os índios não são bobos como pensam. Os indígenas estão cada vez mais cientes de seus direitos e no fundo, de modo algum pretendem abdicar de suas terras e da ajuda que o governo lhes deve para que continuem como povos diferenciados.

O índio tem direitos definidos na legislação do Brasil. E tem também direitos previstos na legislação internacional, da qual o nosso país é signatário.

Outra coisa que precisa ficar clara: o índio também tem direito de deixar de ser índio, se quiser. Entretanto, toda decisão de partir dele e não ser outorgado a ele. Afinal, o índio tem que passar a usufruir um direito dele e não um direito sobre ele, que lhe tolhe todas as ações.

Por isso, Silvio Coelho dos Santos acredita que "é necessário repensar o índio no discurso oficial". E, para tanto, sublinha: "é preciso repensar toda a Nação Brasileira, tornando-a pluralista, multi-étnica, pluri-nacional e efetivamente democrática".

